

TRABALHO SUFOCADO PELA LAMA NO RIO DOCE

Desastre com barragem tira sustento de pescadores, lavadeiras e carroceiros

▄ PATRIK CAMPOREZ
pmacao@redgazeta.com.br

Quando ficou sabendo, pela televisão, que a lama estava para chegar no rio, a lavadeira Concelita do Carmo Pereira adoeceu. Deu febre de três dias e uma dor na barriga forte. “Era medo”, desconfia a ribeirinha de 64 anos, que há quatro décadas tirava o sustento da família lavando roupa nas águas do Doce. “Parece que tem óleo na água. A roupa não aceita sabão. Criei meus oito filhos dessa forma, agora não posso encostar a mão na água porque dizem que dá doença. O rio foi amaldiçoado”, lamenta.

Moradora de Baixo Guandu, Concelita é uma das 10 mil pessoas que tiveram o trabalho interrompido e o sustento afetado pela lama que vazou da barragem de rejeitos de minério de Fundão, em Mariana, Minas Gerais, no dia 5 de novembro de 2015. Passados sete meses, 6.114 famílias ainda estão impedidas de sobreviver do rio, segundo dados da própria Samarco. A maioria é de pescadores (70%), produtores rurais (15%), carroceiros, lavadeiras, feirantes, pequenos comerciantes e barqueiros que tinham o rio como única forma de sobrevivência. Trabalhadores que, passada a avalanche inicial, tiveram suas vozes silencia-

das à medida que foram se apagando os holofotes projetados pelo mundo em direção ao Rio Doce.

A GAZETA teve acesso a inquéritos do Ministério Público do Trabalho (MPT), relatórios de prefeituras e associação de moradores que revelam o impacto da tragédia na vida dos trabalhadores que vivem às margens dos 670 quilômetros de rio atingidos. Partindo desses dados, a reportagem fez o “caminho da lama” no trecho do Doce que corta Baixo Guandu, Colatina e Linhares, onde 3.023 pessoas - a maior parte pescadores - ainda não puderam retornar ao trabalho. Há, nas vozes das vítimas, um sentimento comum: de que “o rio está morto”. Isso porque a relação dos ribeirinhos com o Doce não é só material, como a de um operário com uma obra, nem apenas de subsistência. É uma relação de intimidade, de amor profundo. “Antes da lama, eu dizia que o rio era meu. Agora não digo mais. Ninguém sabe o que tem na água”, diz Concelita, que viu suas galinhas e dois cachorros morrerem ao beberem a lama.

A reportagem partiu do bairro Beira-Rio, em Baixo Guandu, primeira comunidade capixaba atingida pela lama. Principal fonte de renda da região, a extração artesanal de areia teve de ser

AFETADOS

10 mil

profissionais
Tiveram o trabalho interrompido pela lama, segundo inquéritos do MPT

“
Logo no início a gente tinha assistência. Agora sumiu todo mundo. O caminho é ir embora daqui

—
MARIA APARECIDA
CARROCEIRA, 45 ANOS

paralisada depois de funcionar ininterruptamente por mais de meio século. “Existe uma camada grossa de lama no fundo do rio que não deixa a areia subir. Outro problema é o medo de encostar na água”, explica a carroceira Maria Aparecida Mota, de 45 anos, que, antes da lama, conseguia faturar R\$ 3 mil por mês com a atividade artesanal. “Agora minha famí-

lia toda tem que viver com R\$ 1,4 mil da Samarco. O dinheiro não dá para o mês”.

A Associação dos Velhos Carroceiros Extratores de Areia reclama que parte dos trabalhadores não conseguiu receber qualquer auxílio da mineradora, apesar de ter feito o cadastro, e que, para piorar, nenhuma das 30 famílias associadas recebeu a ração prometida pela empresa para alimentar os animais - para a casa da avó, em Vitória. “Faz sete meses que está todo mundo sem serviço e 15 carroceiros ainda não receberam nenhum auxílio”, queixa-se Sebastião da Silva, 53, membro da associação.

Sem a renda da areia, Eunice Antônio de Souza teve que mandar seus quatro filhos - de dois, três, 13 e 20 anos - para a casa da avó, em Vitória. “Meu coração está apertado. Não consigo renda para mantê-los aqui”, lamenta, emocionada, a carroceira de 50 anos.

Enquanto A GAZETA esteve na comunidade, dezenas de carroceiros apareceram com pás e suas carroças para cobrar a presença da Samarco no local. Um deles sacou o celular do bolso e ligou para o telefone 0800 disponibilizado pela empresa. Em seguida esbravejou: “Tá vendo, não funciona. Há quatro meses estamos sem contato”. A mesma queixa foi ouvida de outros traba-



Concelita passou 40 anos ganhando o sustento de sua



A extração artesanal de areia é uma atividade de meio

lhadores, em Linhares e Colatina, apesar da empresa dizer que o serviço está ativo.

Como medida emergencial, a Samarco distribuiu 6.114 cartões de auxílio pa-

ra trabalhadores que dependiam diretamente do Rio Doce. A bolsa consiste em salário mínimo, uma cesta básica, mais 20% (do salário mínimo) para cada



FOTOS: RICARDO VERVLOET

MASCARENHAS: VILA “FANTASMA”

É manhã de quarta-feira na Vila de Mascarenhas, maior colônia de pescadores no lado capixaba do Rio Doce. As ruas estão vazias, assim como os poucos comércios do lugar, dando ao local um aspecto de vila-rejo fantasma.

O motivo é que a principal fonte de renda da comunidade, a pesca, está suspensa desde à chegada da lama. A única movimentação que se vê é em boteco próximo à praça, onde alguns pescadores conversam ao som de uma música tecnobrega. Ainda não deu 12 horas, mas o litro de cachaça já está sobre a mesa e dá à quarta-feira uma aparência de feriado. “Sem trabalho, esse agora é nosso lazer”, brinca um pescador, ao ver nossa equipe se aproximar.

Fora a movimentação

em um e outro boteco, não se vê quase mais ninguém nas ruas. Todos os 800 moradores dependiam diretamente do rio. Quem não está nos botechos, ou em busca de “bicos” para complementar o valor da bolsa paga pela Samarco, fica pelas esquinas, sentado à beira das calçadas ou “zanzando” de um lado para o outro ainda sem ter o que fazer da vida. “Mas boa parte dos moradores já deixou a Vila em busca de emprego em outras cidades”, afirma Monique Rodrigues, diretora da Associação de Pescadores de Mascarenhas.

Outra queixa da líder é que mais de 130 pescadores ainda não conseguiram ter acesso ao auxílio pago pela mineradora. As mulheres têm ainda mais dificuldade para se encaixar no “perfil”

exigido pela empresa, já que muitas vezes estão envolvidas em atividades secundárias da pesca. “A verdade é que aqui todo mundo sobrevivia do rio, direta ou indiretamente, e merece receber. Quem não pescava fazia rede, vendia e limpava peixe ou reformava barcos. Por isso todos têm direito”, argumenta ela.

Mesmo quem recebe o auxílio afirma que a bolsa não é suficiente para pagar as contas. “Dava para ganhar bem mais quando a gente podia trabalhar. O povo todo preferia pescar, em vez de estar dependendo de uma empresa. Antes, se a gente quisesse um peixe era só ir no rio pegar. Agora a vida ficou mais difícil, sem sentido. A Vila está arrasada”, desabafa Soliene Pereira, que pescava e completava a renda costurando e consertando redes e tarrafas.

família lavando roupas no Rio Doce. Agora teme que não consiga voltar ao trabalho



século que foi interrompida pela lama. Carroceiros dizem que estão abandonados

dependente familiar. O pagamento foi pactuado com o MPF e MPT. Centenas de pessoas, entretanto, alegam ainda não receberam qualquer auxílio. A Samarco jus-

tifica que os cadastros das pessoas afetadas são feitos a partir de cruzamento de dados e que nem todos os cadastrados se encaixam nos “critérios de elegibilidade”.



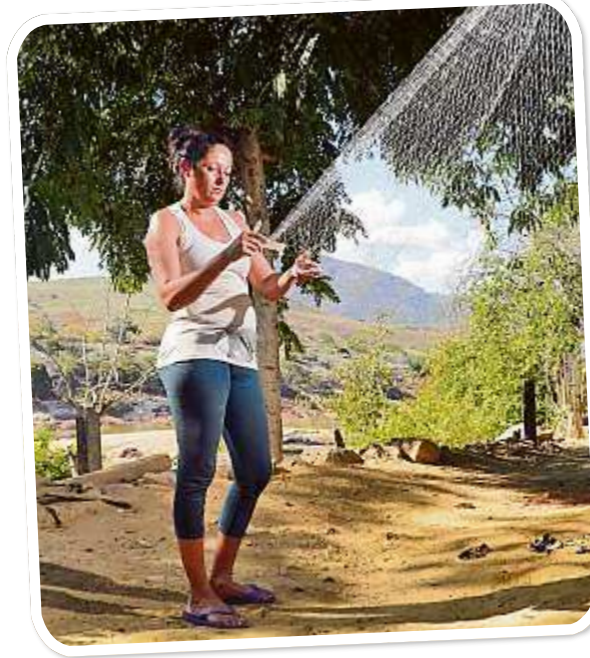
LEIA AMANHÃ

Três mil pescadores afetados pela lama no Estado estão sem renda.



Pesco, costuro redes e tarrafas há 15 anos, mas a lama acabou com tudo, com a renda e a vida das pessoas. Estou arrasada.

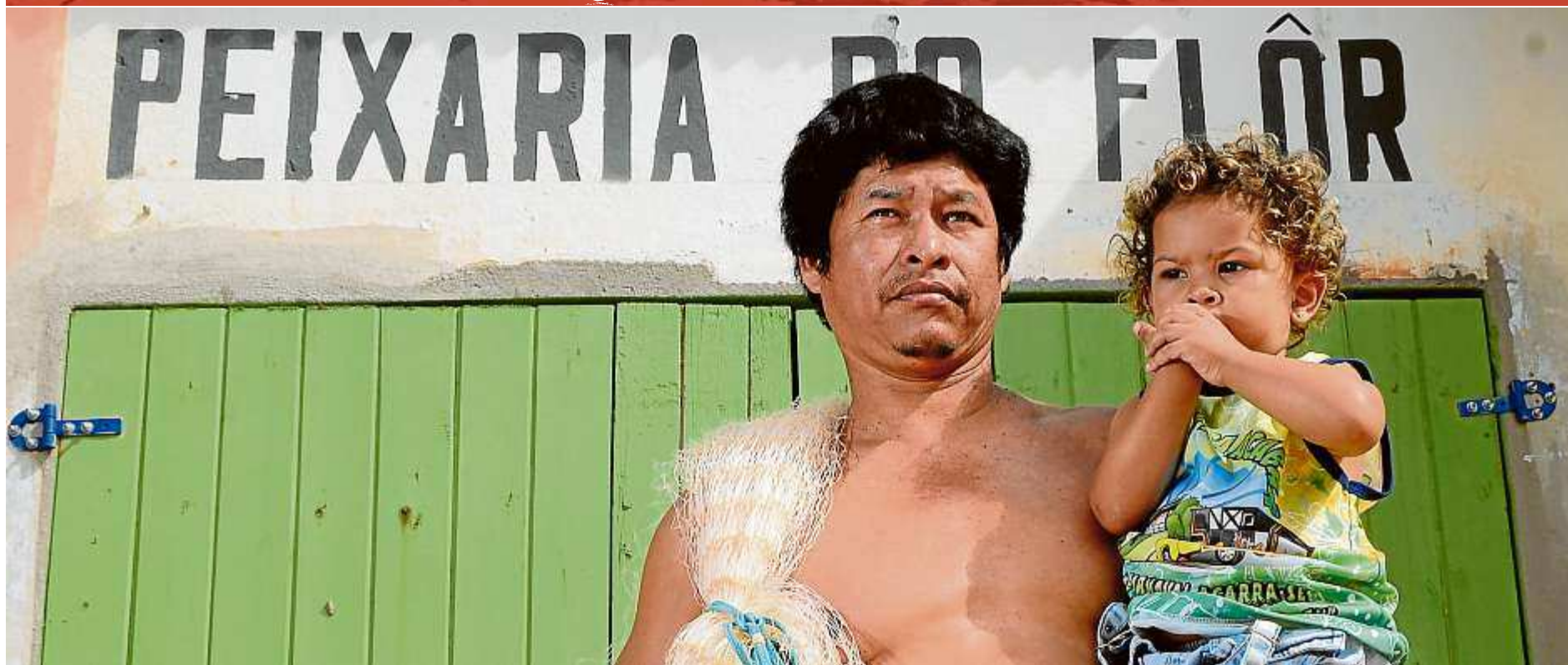
— SOLIENE PEREIRA
Pescadora, 39 anos



Meu comércio morreu, pois tudo girava em torno do rio. Peixe? Só da água salgada, como esse dourado que veio de longe

— JOSÉ JÚLIO
Comerciante, 61 anos





Com a pesca interrompida no rio e no mar, devido à poluição trazida pela lama, a Peixaria do Flor, em Linhares, fechou as portas e foi transformada em garagem

RICARDO VERVLOET

LUTA PARA RECOMEÇAR

População de Regência tenta reinventar suas atividades

« Quando a barragem estourou em Minas Gerais, Flodovaldo Fermino, o Flor, não imaginava que a lama teria força para chegar a Regência, em Linhares, onde o filho de índios de 45 anos tem orgulho de ter nascido e sido criado. Com a pesca interrompida, a Peixaria do Flor fechou as portas, sendo transformada em garagem, e sua renda familiar que antes era de R\$ 5 mil por mês, agora se resume na bolsa de R\$ 1,3 mil da Samarco. Outras centenas de moradores da vila – a maior parte pescadores, artesãos e comerciantes – estão na mesma situação. “Acordo de manhã, ando de um lado para o outro, mas não tem nada para fazer. A vida perde o sentido. Se não tem peixe, não tem peixaria”, lamenta.

Segundo relatório da Prefeitura de Linhares apresentado ao Ministério do Meio Ambiente, a atividade turística na vila caiu 80% no verão e no Carnaval deste ano. Duas pousadas e alguns pequenos comércios já fecharam as portas.

Agora, a população de Regência – famosa para a prática do surfe – tenta recomeçar. “Com a tragédia, percebemos a necessidade de nos reinventar para atrair novos públicos. As redes sociais têm sido uma saída”, diz a dona de pousada, Dulce Neves, de 35 anos.



“ ADRIANA CUNHA EMPRESÁRIA

A água poluída impede a descida de caiaque no rio

« Nossa principal atividade era a descida de caiaque no Rio Doce. Mas, agora, a água do rio e do mar estão impróprias para banho. Temos um termo de risco para quem quer se aventurar mesmo assim, mas turista não quer entrar na água. Em abril do ano passado, a gente comprou nove caiaques novos, além dos nove que já tínhamos. Na época,

o turismo estava indo muito bem. Agora estamos buscando novas possibilidades, trabalhando com Ecoturismo Pedagógico, que está dando muito certo. Desde quando aquela dor passou, a Vila está querendo trabalhar. Foi uma tragédia enorme, mas outras portas vão se abrindo. O importante é que não cruzamos os braços.



“ DOMINGAS BRAGANÇA ARTESÃ

A lama paralisou nossas vidas. Acabou a renda

« Há sete meses eu não vendo nada. Para o Carnaval, a gente estava esperando movimentação na Vila, mas o turista desapareceu por causa da lama. Todo o artesanato que eu preparei está estocado. Sem a renda da loja, falta dinheiro até para pagar a conta de energia. Está difícil para todos nós, paralisou nossas vidas. Agora

estou vendendo comida de porta em porta - pizza, salpicão, bolo, pastel, frango assado - para ter uma alternativa de renda. Aqui todos dependiam do turismo, por isso temos que nos reerguer. Já que não dá para tirar renda do rio ou do mar, temos que buscar outras maneiras de sobreviver. Nosso povo vai achar as saídas.

OUTRO LADO

Esforços para tratar impactos

« A Samarco, em nota, afirmou que, desde o rompimento da barragem, não mede esforços para tratar impactos socioambientais e socioeconômicos em Minas Gerais e no Espírito Santo. Como medida emergencial, já entregou 6.114 cartões de auxílio para trabalhadores. Segundo acordo firmado, a manutenção do pagamento será até que eles retomem suas condições socioeconômicas. A empresa afirma que uma equipe especializada conduz, periodicamente, reuniões com grupos locais para exposição de demandas e esclarecimentos. Sobre o 0800 031 2303, a Samarco informa que o serviço está ativo e que o cidadão também pode entrar em contato no site <http://www.samarco.com/central-de-relacionamento/>. A Samarco mantém também postos de atendimento fixos à comunidade no Espírito Santo, em Baixo Guandu (3) e Marilândia (2).